

Cortar os viveres do inimigo foi sempre uma boa norma de guerra

Pelo General de Corpo de Exército AMBROGIO BOLLATI. Traduzido da *Rivista di Commissariato e dei Servizi Amministrativi Militari*, de Janeiro-Fevereiro de 1940, pelo Cel. I. G. ANAPIO GOMES.

As primeiras lutas entre dois homens, entre simples grupos de famílias tiveram origem sem dúvida na caça de um animal, na ocupação de uma caverna apropriada para abrigo contra as intempéries, na posse de uma pele destinada a vestuário, ou seja no imperativo de satisfazer as necessidades materiais diárias, da vida primitiva, utilizando cada um em proveito próprio tudo quanto a natureza apresentava e que se encontrava em poder de outrem submetido a idênticas necessidades vitais, colocada em primeiro lugar a alimentação. Eram lutas corpo a corpo ou com armas rudimentares, tais como pedras e cacetes; não deixavam também de constituir certamente o embrião de assédios destinados a obrigar o adversário a abandonar seu abrigo e a dividir seus alimentos ou dêle privá-lo inteiramente.

Pouco a pouco as lutas foram se estendendo a grupos maiores que deixavam uma parte dos homens guardando as respectivas famílias, os alimentos, as provisões, enquanto outra parte — os mais fortes e os mais ágeis — era enviada a lugares distantes da morada habitual a-fim-de apoderar-se de zonas de pesca, de caça ou ricas de recursos alimentares tirados do solo; ou ainda grupos que, em virtude do esgotamento dos recursos locais de subsistência ou por outros motivos, abandonavam definitivamente sua região em busca de outras mais vantajosas. É lógico que neste último caso eram adotadas medidas de logística rudimentar, conduzindo o grupo expedicionário os viveres indispensáveis à sua alimentação; e se a região cobiçada era defendida, procurava-se, para vencer a resistência, privar os defensores da possibilidade de explorar os seus recursos normais, devastando e incendiando-

-lhes os campos, dizimando-lhes os rebanhos. Com o objetivo de tirar os recursos do adversário em proveito próprio, era também adotado o processo de quebrar-lhe a resistência fazendo-se-lhe o vácuo em tórno, **cortando-lhe os víveres**. E neste ponto a guerra dos tempos prehistóricos não difere muito da dos nossos civilizadíssimos dias, em que aeroplanos, por exemplo, bombardeiam rebanhos das populações coloniais, lançam bombas incendiárias em seus campos e bosques, destroem depósitos de víveres.

E' claro que, com a evolução e o aperfeiçoamento da arte militar sôbre o cêrco de uma praça forte que protegia ao mesmo tempo o soldado e a população civil (se é que havia alguma diferença entre as duas categorias, visto como homens e mulheres participavam da defesa segundo suas aptidões) — procurava-se sempre principalmente **cortar os víveres** a ambos; e mesmo sob êste ponto de vista, a investida contra uma praça nos tempos gálico-romanos, como, por exemplo, Alésia defendida por Vercingetorix contra Cesar, não difere em última análise do cêrco de Paris em 1871 pelos alemães ou do de Przemysl, defendida no outono de 1914 e primavera de 1915 pelas tropas austro-húngaras contra o exército russo; o objetivo, além da imobilização das forças adversárias cercadas, era também a posse de uma localidade importante por motivos políticos ou em virtude de razões estratégicas. Mas além do manejo de máquinas de guerra, sejam elas arbaletas ou canhões, o do ataque à viva fôrça, meio eficaz e mais econômico é o que constitue em constringer o inimigo, mediante um cêrco apertado, a consumir suas provisões até render-se pela fome, como aconselha Machiavelli no Livro VI da **Arte della guerra**: "Não será mais teu inimigo aquele que te procura vencer com o ferro e que possas dominar pela fome; conquanto a vitória assim não seja tão honrosa, é contudo mais segura e mais certa", conselho reiterado nas normas contidas no Livro VII: "é melhor vencer o inimigo pela fome que com o ferro, porque na vitória com êste influe muito mais a fortuna que a virtude" (1).

E' lógico que, em contraposição, as surtidas, além do objetivo de atacar e destruir o esforço dos sitiantes, tem também

(1) Princípios já enunciados por Vegécio (século IV-V da era cristã), quasi com as mesmas palavras nos **Epitoma rei militaris**: "melhor é vencer o inimigo pela fome, ou com a surpresa, ou com o pavor, que com a batalha, na qual pode mais a fortuna que o ferro" (Aforismo IV): "magnífico plano de guerra o que visa vencer o inimigo mais com a fome que com o ferro" (Aforismo XXXI).

o de obter víveres para prolongar a resistência, assim também os ataques e esforços de amigos dos sitiados contra os sitiados, além de terem por fim a derrota destes, visam fazer chegar víveres ao local assediado (o que hoje se pode fazer, se bem que em pequena escala, mediante reabastecimentos aéreos).

Assim, nos **Empreendimentos, estratégias e erros militares**, de M. Bernardino Rocca, apelidado **Gambarello** (1556), verificamos no Empreendimento XV que o autor "ensina como o fim do assédio é cortar o reabastecimento do inimigo e que o exército do mar é que leva e suprime a fome nas localidades próximas da costa. O primeiro plano de um capitão ao estabelecer o cerco de uma cidade deve ser o modo de cortar-lhe o reabastecimento"; em seguida cita o exemplo de "Sexto Pompeio que investiu Roma de tal modo com o exército do mar que obrigou Antônio e Otaviano, para não morrerem de fome, a implorar-lhe a paz, que foi estabelecida com grande vantagem para êle". E verificamos aqui que a investida em questão assume o caráter do bloqueio britânico de 1914-1918 contra a Alemanha e do que já está delineado pelos ingleses no conflito iniciado nos primeiros dias de Setembro do ano findo, o qual é respondido — como em 1917 — com a guerra submarina alemã à navegação mercante, de modo a interditar a afluência de recursos de ultramar à Grã-Bretanha.

Nos **Estratégias militares**, de Júlio Frentino (88-86 a. C.), traduzidos e comentados por Marcantônio Gandini (1574), no capítulo — **Como se lança o inimigo na necessidade** — é recordado pelo autor (e repetido por Machiavelli no Livro. VII) que "Fábio deixou que os camponeses da Campânia semeassem trigo de modo que lhes viesse a falar o que haviam semeado" e que "Dionísio, estando acampado em Réggio, fingiu desejar fazer um acôrdo com êle (Fábio); durante as conversações procurou abastecer-se de víveres e quando viu o adversário privado de trigo, submeteu-o pela fome"; "Alexandre (de Épiro), querendo apoderar-se de Leucádia, apoderou-se de todos os castelos que a circundavam, deixando que os habitantes destes — nela se refugiassem, de modo que, aumentando-lhe a população, dominou-a pela fome". E o comentador oitocentista, referindo-se a uma época que lhe ficava mais próxima, narra estratégias idênticas: "Francisco Sforza, a pedido dos milaneses, concedeu-lhes vinte dias de tréguas, pois esperava — dando-lhes êsse comêço de esperança de paz e por ser época de sementeira — fazer diminuir muito as provisões de

Milão; daí resultou que, devido à grande sofreguidão com que os milanêses procuraram semear trigo, a cidade ficou quasi inteiramente desprovida"; "a-fim de que os milanêses não remediassem a grande carestia de víveres da cidade fazendo sair desta, a pretêxto de procurarem alimentos, muitas pessoas inúteis à sua defesa, o referido chefe não deixou gênero alimentício algum ao seu alcance, obrigando-as assim a voltar a Milão".

Gandini também relata como os "florentinos, durante a longa guerra que sustentaram para dominar os pisanos (aquela guerra que — como escreve Machiavelli — tinha por fim fazer que os pisanos não colhessem nos campos "nem um grão de trigo, nem um talo de forragem") — danificando todos os anos os seus trigais e devastando com incursões as provisões que poderiam ser úteis a êstes últimos, reduziram-nos a tal estado de penúria que tiveram que se render sob determinadas condições".

Em tudo isso encontramos dois conceitos, ambos referentes a — **cortar os víveres**: primeiro, oposição às evacuações, ou seja forçar o aumento das "bôcas inúteis" para obrigar a um esgotamento mais rápido dos recursos e também crear certa pressão contra os dirigentes da defesa; segundo, a interdição dos reabastecimentos mediante ação externa. Tais conceitos foram applicados em todos os assédios, quer nos tempos atigos, quer na época mais adiantada (1600-1700), em que, a-pesar da applicação da guerra de movimento, o sistema dos **armazéns** e dos **combôios**, levado ao exagêro, tornava as operações lentas e modêstas, tornando-se preferível o cêrco à manobra, como acentua Lewal nos **Études de guerre**, tomo primeiro (**Tactique de ravitaillement**), publicado em 1889. De fato, nos autores e escritores de assuntos militares da época, encontramos quasi que exclusivamente referências à tática do sítio, inspirando-se nela tôdas as medidas a serem applicadas para a obtenção de víveres destinados às próprias tropas e para cortá-los aos sitiados. Acrescente-se todavia o conceito da guerra manobrada, quer sob a forma de guerra de emboscadas com o fim de efetuar golpes de mão sôbre combôios de reabastecimento, quer sob o aspecto de manobra visando a posse de armazens situados à retaguarda das fôrças inimigas ou interceptar suas fontes de alimentação, cabendo a Montecucoli a primeira regulamentação a êsse respeito (Veja-se "**Le più belle pagine di Raimondo Montecucoli**, reunidas por Luigi Cadorna, 1922). No capítulo **Da munição de guerra e de bôca** — escreve êle, à semelhança de Machia-

velli: "Quem puder viver sem alimentar-se, parta para a guerra sem as vitualhas necessárias. Mais feroz que o ferro é a fome; mais exércitos destrói a penúria que o combate..." No capítulo "**Relativo às fôrças**: "Deve infestar-se a forragem do inimigo com elementos nocivos". E no capítulo "**Relativo ao fim a atingir**" — encontramos a expressão típica: "**cortar os víveres ao inimigo**; apoderar-se de seus depósitos pela surpresa ou pela fôrça; aniquilar-lhe os forrageadores; destruir-lhe os recursos das imediações, as cidades, os moinhos, corrompendo-os com morbos contagiosos" (era nem mais nem menos a guerra bacteriológica tal como é aconselhada hoje contra as culturas agrícolas e mediante o desenvolvimento de epidemias nos solípedes e no gado destinado à alimentação, guerra aliás aplicada em todos os tempos pelos povos de civilização primitiva e até mesmo um tanto evoluida com poluição da água das cisternas com cadáveres putrefatos de animais).

Impedir a procura e reunião dos reabastecimentos e bem assim o seu transporte, foi sempre uma preocupação dominante, a cargo outrora da cavalaria e hoje também das tropas motorizadas e aviões, levando-se ainda a efeito por meio de destruição ou interrupção das vias férreas, danificação dos nós ferroviários, das pontes e rodovias de tráfego obrigatório, dos portos a que afluem os recursos por mar,, destruição ou inutilização dos meios de transporte, sejam estes cargueiros, carroças, auto-caminhões, material rodante das estradas de ferro ou embarcações.

Cortar os víveres, frase que acabou por entrar no uso comum, mesmo fora dos domínios da guerra, como meio coercitivo; o pai da província **corta a mesada** ao filho estudante que se diverte e esbanja na capital; o marido abandonado **corta os meios de subsistência** à consorte para forçá-la a voltar ao lar ou pelo menos a respeitar a honra do nome...

*
* *

Voltando aos assuntos bélicos: **cortar os víveres** não é sòmente recurso de quem toma a ofensiva mas também de quem se defende, de quem se retrái operando uma retirada; assim procedem os russos na retirada de 1812, destruindo tudo atrás de si e fazendo o vácuo diante das tropas napoleônicas, cada vez mais afastadas de suas bases de reabastecimento. Pelo contrário, quem persegue procura — ope-

rando com rapidez — ocupar territórios antes que sejam destruídos os recursos locais, apoderar-se dos depósitos de víveres do inimigo antes que possam ser evacuados ou destruídos; por êsse modo consegue-se às vezes resolver situações difíceis, como aconteceu com os 8.º e 10.º Exércitos alemães durante a batalha masuriana de inverno (Fevereiro de 1915) em Wirballen e Wilkowyski, num momento em que o estado das estradas e a aspereza da estação não permitiam que os reabastecimentos acompanhassem as tropas; o mesmo aconteceu com o 9.º Exército alemão apoderando-se dos víveres abandonados na Valáquia pelos rumenos no outono de 1916.

E aqui — quer se trate de recursos locais, quer de depósitos e combôios — é oportuno recordar que os romanos, sóbrios e ao mesmo tempo combatentes e carregadores, não se preocupavam muito com o problema da alimentação, ao contrário das tropas de Alexandre e de Aníbal. Os bandos da Idade-Média viviam principalmente com os recursos locais; depois — especialmente na França — predominou o conceito das bases logísticas de operações: armazéns a cargo da administração militar e constituídos com recursos remetidos da retaguarda por meio de pesados combôios ou remessas da própria pátria, mesmo quando as tropas se encontravam em regiões ricas de recursos; o próprio Frederico, o Grande, a-pesar-de suas tropas apresentarem escassos efetivos, preocupa-se continuamente com o modo de fazê-las viver segundo o sistema de armazéns e combôios; os reabastecimentos embaraçam as operações de modo tal (veja-se Lewal) que, como já se disse, torna-se preferível a tática do assédio à da manobra.

Durante as guerras da Revolução Francesa predominou o movimento; renunciavam-se os armazéns, vive-se dos recursos locais, de maneira que ora é a penúria, ora é a abundância; o próprio Napoleão confia quasi que exclusivamente na requisição dos recursos locais e exatamente por isso encontrou-se em condições desastrosas diante do vácuo feito pelos russos em 1812. Berthier declara: **Dans la guerre d'invasion que fait l'Empereur, il n'y a pas de magasins...**

Após a queda do Primeiro Império e quasi como uma reação contra o excesso do sistema de viver dos recursos locais, volta-se ao reabastecimento normal, às doutrinas de Louvois, com os armazéns fixos e armazéns-combôios semi-móveis, pesados, resultando daí a lentidão das operações; sucedem-se às remessas excessivas, absurdas mesmo, muitas vezes, como a remessa de forragem da França para Gênova

c de bois para a Criméia. Assim, a campanha francesa de 1859 torna-se lenta e — como escreve Lewal — o sistema de reabastecimento não constituiu a menor causa da guerra defensiva francesa em 1870.

Do lado alemão pelo contrário (consulte-se Ruelle — *Lezioni di logistica alla Scuola de Guerra de Torino, 1899-1909*). aplica-se o sistema de viver dos recursos locais combinados com o dos reabastecimentos da retaguarda (já pôsto em prática na campanha de 1866 e aperfeiçoado em 1870), de acôrdo com as circunstâncias decorrentes das operações (2).

Surge depois um fato importante: com o aumento de efetivo dos exércitos, da Revolução Francesa para cá, foi se tornando impossível contar para o seu reabastecimento apenas com os recursos locais; mesmo que êstes existam em abundância, mesmo que o inimigo não os tenha destruído ou evacuado — esgotam-se depois de algum tempo, quer pela maior densidade de homens e animais a alimentar em determinada zona, quer também por efeito de desperdício, coisa inevitável mesmo quando o regimem disciplinar é severo; se se trata de guerra de movimento e rápida, faltam tempo e meios para se efetuarem requisições sistemáticas, para repartir e fazer chegar às tropas tudo quanto se encontrou; se se está estacionado, a densidade já aludida acelera o consumo. Surge daí portanto a máxima (que aliás deve adaptar-se às circunstâncias): consumir os recursos locais como se não existissem reabastecimentos da retaguarda e conduzir com a tropa ou fazer-lhe chegar os recursos necessários ou pelo menos preparar os reabastecimentos da retaguarda como se não existissem os recursos locais. Em resumo: com o aumento de densidade de tropas em determinado eixo de marcha ou determinada zona de permanência curta ou longa, acabamos por aternos ao sistema de contar inteiramente com as remessas da retaguarda, considerando todavia como utilíssima, bem que ocasional e aleatória, a possibilidade de consumir recursos locais. Daí a importância das linhas de comunicações e a constante preocupação de possuírmos tais linhas à retaguarda e bem protegidas, inclusive os flancos, fazendo-se esforços no

(2) O mesmo já havia feito Frederico, o Grande, que, além de organizar armazéns convenientemente escalonados em profundidade, de modo a aliviar os combêios e a dar às tropas maior liberdade de manobra — recorre à exploração dos recursos locais em seu rápido deslocamento de Rossbach para Leuthen (1757). (Veja-se Bastico: *L'evoluzione dell'arte della guerra*).

sentido de realizar manobras que ameacem a retaguarda do inimigo, não só com o fim de obrigá-lo a combater numa frente invertida e portanto em condições estratégicas ou táticas desfavoráveis ou ainda isolá-lo de suas reservas, mas também, e principalmente, com o objetivo de interceptar-lhe as bases de reabastecimento e ao mesmo tempo apoderarmos-nos das provisões acumuladas em pontos importantes situados atrás da linha de frente e das que se encontram em movimento em direção à mesma frente. Visa-se dest'arte não só privar o inimigo de suas provisões alimentícias como também a vantagem, embora temporária, de aliviar as dificuldades do próprio reabastecimento graças aos recursos do adversário.

“**Temporária**, declaramos; e assim é porque, pelas já referidas razões de densidade e desperdício, mesmo tais provisões conquistadas ao inimigo se esgotam (como aconteceu, por exemplo, aos austro-húngaros na planície friulana no inverno de 1917-1918), impondo-se novamente o problema — às vezes descurado demais em virtude de cálculos ilusoriamente otimistas — do reabastecimento pela retaguarda. Problema que — supérfluo será dizê-lo — aparece com toda gravidade quando as tropas se deslocam em regiões inteiramente destituídas de recursos como o Carso ou Bainsizza ou em zonas coloniais desérticas.

*
* *

Todavia a expressão **cortar os víveres**, com o aumento das exigências dos combatentes em relação ao caráter da guerra moderna, veio a significar o todo pela parte; os víveres para os homens, a forragem para os quadrúpedes não representam efetivamente — ao contrário de outros tempos — senão numa parte (se bem que a mais vital) de tudo quanto hoje é necessário a um exército para viver e operar; à parte em aprêço, que compreende também a água, deve-se juntar os elementos para alimentação dos veículos automóveis e aviões, ou seja o carburante, os alimentos para as bôcas de fogo, ou seja a munição, tornado um e outra impressionantes pela quantidade. E' preciso juntar ainda as necessidades de fardamento e de equipamento, de material sanitário, de engenharia, tudo em suma quanto é indispensável para que o exército possa subsistir e agir quer ofensivamente quer limitando-se apenas a manter ocupada uma delimitada zona ou a defender uma **linha**, que afinal é constituída por uma faixa com algumas dezenas de quilômetros de profundidade. Conclusão:

hoje em dia **cortar os víveres** significa "interceptar quaisquer reaprovisionamentos".

Durante a guerra mundial, o caráter de guerra de posição que assumiu a luta na maior parte da frente (a tal ponto que se tornaram de fato excepcionais as fases de guerra de movimento) matou sobretudo a manobra, tornando dest'arte impossível, ou quasi, especialmente a manobra destinada a cair sôbre as linhas de comunicações inimigas, se bem que isso tenha sido tentado várias vezes; movimento em grande escala tendente a separar grandes unidades de suas bases de reaprovisionamento, não se registrou senão o de Tannenberg e, em proporções menores, o de Augustow durante a já referida batalha masuriana. Todavia conseguiu-se por vezes a apreensão de provisões e a captura de centros de recursos do inimigo, impedindo-se que êste os aproveitasse; foi o que aconteceu na Polônia russa, na Sérvia, na Rumânia, na Galícia e em Bucovina, em Veneto durante a ofensiva alemã na primavera de 1918. Mesmo tratando-se de posição não contornável nem atingível mediante a exploração a fundo de um sucesso tático, jamais renunciaremos à tentativa de **cortar os víveres** (em sentido restrito ou em sentido lato) ao inimigo. Assim, os tiros de interdição e de enquadramento da artilharia italiana no Carso, à retaguarda do inimigo que defendia suas próprias posições ou atacava as nossas, tinham por objetivo, além de impedir o emprêgo de reservas, esgotar o adversário interditando-lhe o recebimento de víveres, de água, de munições. Em virtude da experiência assim obtida, os austro-húngaros dotaram suas tropas da linha de frente de uma **provisão de combate** especial, capaz de torná-las independentes das remessas da retaguarda, pelo menos por alguns dias. O mesmo fim de interdição tinham os bombardeios de artilharia de grande alcance e de aviões contra certos nós de estradas, pontos obrigatórios de passagem, linhas de comunicações da retaguarda, estações e linhas ferroviárias. Ainda o mesmo diga-se dos nossos bombardeios com artilharia e aviões sôbre as passagens do Piave durante a ofensiva austro-húngara em Junho de 1918.

E' sabido que a causa principal da decisão do inimigo fazendo recuar as tropas da margem ocidental do Piave — foi a crítica situação em relação a víveres e munição em virtude da impossibilidade, graças à nossa tenaz resistência, de abrir caminho através da rica planície e também da impossibilidade de manter-se na pequena testa de ponte conquistada entre 5 e 18 de Junho, em consequência de falta de reabasteci-

mentos. E como a ofensiva inimiga tinha entre seus objetivos principais o de apoderar-se, como aconteceu no outono de 1917, das nossas abundantes provisões e dos nossos recursos locais, para suavizar a situação de tropas famintas e também a do país que se debatia numa crise de alimentação — na realidade nós, com a nossa resistência, **cortamos os víveres** a umas e outro, comprometendo a já escassa capacidade da Áustria-Húngria para continuar a luta.

Situação idêntica surgiu para os alemães em meados de Julho de 1918 no saliente do Marne, tornando insustentável não só taticamente mas também do ponto de vista logístico, em virtude de haver sido interceptada a via férrea de Soisson; daí a sua retirada na noite de 19 para 20.

Na recente guerra da Espanha as atividades da aviação legionária tiveram em grande parte por objetivo **cortar os víveres** aos vermelhos mediante bombardeio dos portos do Mediterrâneo a que afluíam navios carregados de víveres, gasolina, etc., e contra os próprios navios. Durante a última ofensiva do Ebro, a aviação contribuiu grandemente para meter os vermelhos no saliente ocupado em condições semelhantes à dos austro-húngaros em Junho de 1918.

Cortar os víveres pode ser também um meio coercitivo aplicado contra um país neutro ou aliado, ameaçando de cortar-lhe os fornecimentos — ao primeiro, caso não se coloque ao nosso lado e ao segundo, se não atender às nossas exigências de caráter militar. Assim, sôbre a nossa atitude nos primeiros meses de 1914-1918 influiu a ameaça inglesa de cessar o fornecimento de carvão necessário ao nosso país, insufficientemente autárquico; do mesmo modo, quando a aludida ofensiva austro-húngara de Junho de 1918 atingiu um ponto morto, o Alto Comando alemão constrangiu o General Arz, Chefe do Estado-Maior austro-húngaro, a ceder divisões da frente ocidental em favor da frente alemã na França apenas tomando a medida de manter suspensa a prometida remessa de 15.000 vagões de cereais, de que a Áustria-Húngria necessitava urgentemente.

*
* *
*

Na recentíssima campanha alemã na Polônia, que deu lugar — ao contrário do que acontecera na guerra mundial — a numerosos cercos de tropas polonesas e em que vimos repetir-se a investida contra praças de guerra — os meios militares tiveram a parte principal na quebra da resistência das

tropas cercadas, mas para a rendição destas contribuiu inevitavelmente a impossibilidade de receber víveres do exterior; em relação às praças de guerra, foi adotada a tática da investida para constranger o adversário à rendição em virtude da diminuição dos víveres destinados à tropa e à população civil.

Finalmente, na campanha russo-finlandesa foi constantemente adotada pelos finlandeses a tática de obrigar à rendição as colunas invasoras russas com a intercepção de seus reabastecimentos pela retaguarda.

*
* *
* *

Como já assinalamos, durante a guerra mundial assumiu enorme importância, o esforço de ambos os lados no mar para cortar os víveres às nações adversárias; do lado alemão com a guerra submarina sem quartel contra a Inglaterra, que em necessidade absoluta de importações do exterior por via marítima; método de luta que, apesar de não ter atingido (talvez porque só tenha sido iniciado em princípios de 1917) o objetivo de "fazer a Inglaterra dobrar os joelhos", como havia prometido o Almirantado alemão — produziu todavia crises graves entre os Aliados; do lado inglês, com maiores resultados, com o bloqueio das costas alemães do Mar do Norte e com a limitação do tráfego livre dos neutros. Quer se um, quer de outro lado, um bloqueio econômico que tinha por escopo — especialmente da parte britânica — não só causar a fome, mas também interditar tudo quanto alimentava a guerra.

Possony, em seu recente estudo sobre **A economia na guerra total**, traduzido em várias línguas, depois de haver feito um cálculo da enorme quantidade do material necessário para uma guerra moderna, mesmo apenas defensiva, e de haver concluído que nenhuma nação — talvez com exceção única dos Estados Unidos da América do Norte — está em condições de se prover com os próprios recursos — chegou à conclusão de que a arma principal numa guerra futura deverá ser precisamente o bloqueio econômico, a ser atingido por meios militares, políticos e também com medidas de caráter financeiro. Em seus cálculos, o referido autor não leva em consideração na realidade os gêneros alimentícios, estando aqui, na nossa opinião, uma grave lacuna de seu trabalho de caráter econômico; seus raciocínios e suas deduções prendem-se principalmente às matérias primas e aos materiais. Toda-

via, é claro que se levarmos também em conta a necessidade de primeira ordem constituída pelos víveres, especialmente tendo-se em vista a resistência interna do país — a referida arma econômica assume uma importância ainda maior.

A **Enciclopédia Britânica** ao tratar, há alguns anos, da substituição dos homens pelas máquinas a-fim-de se obter uma grande economia na utilização do material “homem” e resolver dest’arte a dificuldade de alimentar a guerra mediante novas unidades e novos efetivos — escrevia: “Nós não queremos que a nossa juventude morra na guerra; queremos guardá-la para a paz que virá depois da guerra”. Com mais forte razão escreveria o mesmo hoje, visando-se o máximo possível de economia de sangue e pondo-se em jôgo apenas as vidas necessárias para organizar e manter um bloqueio eficaz, terrestre e marítimo; em resumo: ater-se à **estratégia do esgotamento**, da qual Delbrück se tornou expoente na Alemanha.

Arma cômoda evidentemente e que se enquadra nas máximas enunciadas, como já vimos, por Machiavelli e Montecuccoli; que ela seja **menos honrosa** ou menos gloriosa e brilhante como se afirma, pouco importa; não se recorreu por acaso durante a guerra mundial e não se está recorrendo ainda agora a uma arma menos honrosa, para não dizer coisa pior, como seja a propaganda baseada na mentira? (E dela nós conhecemos alguma coisa em relação à guerra da Líbia em 1911-1912 e à guerra da Etiópia em 1935-1936!).

Em relação à eficácia da arma em aprêço — cortar os víveres em sentido amplo — parece aconselhável que se deposite nela uma grande confiança, dada a incerteza de se conduzir uma guerra a têrmo vitorioso exclusivamente com os meios militares.

Já na guerra mundial, mesmo levando em conta os resultados obtidos com as armas e que provocaram a queda de várias frentes como Dobropolsie para os búlgaros, na Palestina e na Síria para os turcos, Vittório Veneto para os austro-húngaros (não para os alemães porque a sua frente ocidental não baqueou por força das armas, a-pesar-das vantagens militares conseguidas por Foch, de Agosto a fins de Outubro de 1918), já na guerra mundial, repetimos, é forçoso reconhecer que sôbre tais quedas — inclusive a da frente alemã — tiveram grande influência o assédio econômico contra “a grande praça assediada” constituída pelas Potências Centrais e as condições econômicas dos aliados exteriores, Bulgária e Turquia, especialmente êste último. Campanhas inteiras realizadas pelas Potências Centrais tiveram — como bem acentua o relatório oficial austríaco no seu VII e último volume —

o objetivo principal de romper o bloqueio pelo menos numa direção, a-fim-de se obterem recursos do exterior e de fornecer material bélico aos aliados necessitados. Em resumo: campanhas que tiveram o caráter de **surtidas** com fins logísticos. Assim, a campanha de outono de 1915 contra a Sérvia, segundo a intenção de Falkenhayn, como também de Conrad, foi iniciada a-fim-de fazer chegar provisões aos turcos pela linha fluvial do Danúbio e através da Bulgária, tendo Falkenhayn considerado atingido o objetivo quando a aludida comunicação foi estabelecida; a campanha da Rumânia, se bem que iniciada para quebrar a invasão de Siebenburgen, teve no fundo como objetivo a posse dos cereais e do petróleo rumenos da Valáquia, tendo sido ótimos seus resultados econômicos; sobre a ofensiva austro-húngara em Junho de 1918 contra a Itália, já falamos; para finalizar: a campanha austro-alemã na Ucrânia na primavera e verão de 1918, mais do que prestar auxílio ao Estado ucraniano em embrião depois da paz de Brest Ltowsk, teve por objetivo a obtenção de cereais e outros recursos indispensáveis para continuar a guerra. Todavia os frutos de tais **surtidas** ou foram escassos, como aconteceu na Ucrânia, ou se esgotaram depressa na frente com o aumento de consumidores; a Quadrúplice teve afinal que dobrar os joelhos.

Em face do exposto, é o caso de perguntar-se, dados os exemplos de 1918, se o êxito da guerra não foi antes o resultado da situação econômica que da força das armas; e daí por diante, especialmente nestes últimos anos, em que a ameaça de um novo conflito veio se acentuando cada vez mais, chegou-se a algumas conclusões: de um lado, o sentido **defensivo** de crear uma economia nacional em condições de produzir o mais possível (auto-suficiência **relativa**, como a definiu Póssonny, já que não é possível atingir-se à auto-suficiência **absoluta**), a-fim-de que se possa enfrentar as exigências da guerra sem depender do exterior (tal é, antes de mais nada, a nossa batalha do trigo e bem assim todos os demais empreendimentos autárquicos, convindo acentuar que a mesma coisa fez a Alemanha), procurando-se igualmente alianças e amizades capazes de ampliar a retaguarda econômica; por outro lado, o sentido **ofensivo** de iniciar e manter ativa em tempo de **paz militar** a **guerra branca** contra os presumíveis adversários, privá-los de alianças, de amizades que lhes possam ser úteis, cercá-los não só militar e politicamente, mas também sob o ponto de vista econômico.

Dêste último sistema ofensivo a Itália teve uma experiência pela primeira vez durante o período das sanções, que

tiveram por fim nem mais nem menos que **cortar os víveres**. A experiência faliu inteiramente graças à nossa capacidade e especialmente à nossa vontade de resistir à ofensiva genebrina e graças também à rapidez da nossa companhia da Etiópia. Todavia mesmo depois disso não faltaram vozes aconselhando a repetição do referido sistema contra outras nações; se bem que tais vozes não tenham sido ouvidas, seja pela impossibilidade de aplicação do método, seja pelo temor de provocar uma guerra geral — essa forma de **guerra branca**, de **guerra camuflada** que nunca deixou de existir, equivale a sanções; estão neste caso, por exemplo, certas denúncias de tratados de comércio, como aquela com que os Estados Unidos ameaçaram o Japão relativamente ao tratado de 1909.

No atual conflito europeu (que sob certos pontos de vista já é mundial), a fase polonesa, pela rapidez com que se desenrolaram os acontecimentos, não permitiu certa influência do fator econômico, exceção feita do **corte dos víveres** às tropas cercadas ou assediadas. Todavia a Alemanha aumentou sua **retaguarda econômica** em virtude da ocupação de regiões polonesas ricas de recursos e de suas novas relações com a União Soviética, enquanto a ação da Inglaterra e da França contra as linhas marítimas de tráfego alemão, com a pressão sobre países neutros e com as restrições impostas ao comércio das próprias nações neutras — nada mais é que a aplicação da arma do bloqueio econômico, ou seja a aplicação do conceito de **cortar os víveres** ao inimigo (3).

Parece portanto que o conceito em questão é considerado pelas potências ocidentais (tal como escreveu Possony) essencial para vencer uma guerra em que não se percebe de que modo poderão ser empregadas as importantes forças terrestres de ambos os lados enquanto um dos dois poderosíssimos sistemas defensivos atuais, **Maginot** e **Siegfried**, não fôr destruído e enquanto respeitada fôr a neutralidade das nações que limitam com os beligerantes; as forças navais devem limitar-se à guerra de corso e as forças aéreas — salvo as ações locais de caráter indeciso visando interceptar os reaprovisionamentos da retaguarda — não poderão constituir fator decisivo enquanto não forem empregadas sob a forma de guerra totalitária com o fim de quebrar a resistência interna.

Até mesmo Liddell Hart em seu recente trabalho **The defence of Great Britain** (1939), aconselhando a Inglaterra

(3) Mesmo a realização de grandes aquisições de víveres, petróleo, etc. nas nações neutras para impedir que o inimigo os importe, outra coisa não é que **cortar os víveres** ao inimigo.

— e também a França — a ater-se à forma defensiva pelo menos até que o esgotamento do adversário em consequência de seus ataques repetidos permita a adoção da **contra-ofensiva**, insiste repetidas vezes sôbre a importância da **pressão econômica** como única arma capaz de atingir o objetivo de abater a Alemanha. Ele próprio reconhece porém, que isso implica numa guerra de longa duração; e com mais forte razão o reconheceria agora, dadas as condições favoráveis à Alemanha em consequência dos acontecimentos já apontados e que Hart não poderia prever. E aqui não podemos deixar de observar que se a **estratégia do desgaste**, adotada por Falkenhayn diante de Verdun contra os franceses, acabou por prejudicar mais os alemães que o seu adversário — também a **estratégia do esgotamento** pode produzir consequências análogas. A subversão da economia mundial, a destruição de seus fatores no mundo inteiro, como está acontecendo agora, é ruínosa para os neutros e ruinosíssima para os beligerantes de ambas as partes; e entre êstes, com mais forte razão poderá sê-lo para o que mais tenha a perder; uma perda, por exemplo, de 11 milhões de toneladas em virtude de torpedeamentos e explosões de minas submarinas como a que sofreu a marinha mercante inglesa em 1917-1918, não pode ser indiferente a uma nação que, a-pesar-de riquíssima, vive especialmente na dependência de seu tráfego marítimo.

Como se vê, a antiga máxima de **cortar os víveres ao inimigo**, que nunca perdeu seu valor, é hoje de absoluta utilidade, mesmo a-pesar-de sua significação não ser mais a significação restrita de outrora, e exatamente por isso mesmo. Resta-nos contudo ver se esta arma poderosa conseguirá abater um adversário que conduz a guerra de maneira superior e firmemente disposto a todos os sacrifícios para não sucumbir. A propósito devemos recordar que o próprio Machiavelli, a-pesar-de enaltecer o sistema de **vencer o inimigo pela fome**, escreveu também: “os homens, o ferro, o dinheiro e o pão constituem o nervo da guerra; mas dos quatro, são mais necessários os dois primeiros. porque os homens e o ferro encontram o dinheiro e o pão, mas o dinheiro e o pão não encontram os homens e o ferro”.

E' verdade que esta última afirmação é um tanto exagerada, visto como o dinheiro contribue poderosamente para **encontrar o ferro**. Contudo, as palavras do Secretário florentino ainda exprimem uma grande verdade.